

TEORIA DA SUBJETIVIDADE: UMA ABORDAGEM APLICADA AO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

SUBJECTIVITY THEORY: AN APPROACH APPLIED TO LANGUAGE TEACHING AND LEARNING

Vanessa A. ARAUJO
vanessa.araujo@ifb.edu
IFB, CEFET-MG, Brasília, Brasil
Luiz Antonio RIBEIRO
luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com
CEFET-MG, Belo Horizonte, Brasil

Resumo: Este texto apresenta a Teoria da Subjetividade como uma abordagem para auxiliar na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem de línguas e, em especial, de língua estrangeira. O objetivo deste trabalho é o de incentivar reflexões concernentes ao tema da subjetividade humana nos percursos da docência e da aprendizagem de línguas, com atenção especial ao reconhecimento das expressões subjetivas de professores e estudantes no ambiente escolar. Espera-se despertar o interesse de docentes, pesquisadores e linguistas aplicados a fim de produzirem conhecimentos que articulem pressupostos condizentes com o arcabouço teórico proposto por González Rey na perspectiva histórico-cultural. Ressalta-se que o aparelhamento gonzaleano é constituído por uma tríade que envolve a Teoria da Subjetividade, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, todas funcionando de modo complementar com vistas a possibilitar estudos acerca da temática. Todavia, a metodologia deste trabalho foi a de focar na Teoria da Subjetividade. Tendo em vista que processos educacionais são desenvolvidos por seres humanos, em relações constantes, a referida teoria se apresenta como um caminho de entendimento a respeito do indivíduo e suas experiências como sistemas complexos constituídos de subjetividades individuais e sociais.

Palavras-chave: Subjetividade; Ensino-aprendizagem; Línguas.

Abstract: This text presents the Theory of Subjectivity as an approach to assist understandings on language teaching-learning processes and, in particular, foreign languages. This work's objective is to encourage reflections on human subjectivity in teaching and language learning, with special attention to recognition of teachers and students' subjective expressions in school environment. It is expected to arouse interest on teachers, researchers and applied linguists in order to produce knowledge that articulates assumptions consistent with the theoretical framework proposed by González Rey from a historical-cultural perspective. It is noteworthy that the gonzalean apparatus is made up of a triad that involves the Theory of Subjectivity, Qualitative Epistemology and Constructive-interpretative Methodology, functioning in a complementary way in order to enable studies on the topic. However, this work's methodology focused directly on Theory of Subjectivity. Considering that educational processes are developed by human beings, in constant relationships, this theory is presented as a path for understanding human being and his experiences as complex systems made up of individual and social subjectivities.

Keywords: Subjectivity; Teaching-learning process; Language.

INTRODUÇÃO

A Linguística Aplicada (doravante, LA) é uma ciência inter/transdisciplinar que lida com questões práticas de linguagem identificadas, analisadas ou solucionadas por teorias aplicadas disponíveis ou pelo desenvolvimento de novos conceitos teóricos e metodológicos, conforme define o site da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA, 2024). No livro “Por uma Linguística Aplicada indisciplinar”, Moita Lopes (2006, p. 15) chama atenção à necessidade de “teorizações extremamente relevantes nas ciências sociais e nas humanidades que precisam ser incorporadas à LA”. O autor (2006, p. 15) complementa que tais teorizações fixam-se em concepções acerca da natureza do sujeito social “que têm implicações de natureza epistemológica”. Schmitz (2008, p. 238 e 239) argumenta que “a LA, de fato, enquanto disciplina, ampliou os seus objetivos de pesquisa e aproximou-se das ciências sociais” e reitera que o “funcionamento de LA para as outra(s) disciplina(s) e de outra(s) disciplinas para a LA é *sine qua non* de inter/transdisciplinaridade”. Nas palavras de Moita Lopes (2006, p. 16)

as áreas de investigação mudam quando novos modos de fazer pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, são percebidos como mais relevantes para alguns pesquisadores que, ao adotar persuasões particulares, começam a ver o mundo por meio de um par diferente de óculos, por assim dizer, passando a construir (ênfasis: construir) o quê e o como se pesquisa de modos diferentes. O que este livro faz é apontar algumas tendências em relação à necessidade de usar tal par de óculos de forma que seja possível abordar o campo da LA de um ângulo diferente.

Nesse sentido, diferentes maneiras teórico-metodológicas de fazer pesquisa integram a LA e demandam diferentes óticas. Ou seja, não é possível utilizar o mesmo par de óculos para diferentes abordagens investigativas e novos modos de construção do conhecimento. Não há dúvidas de que as reflexões propostas pelo livro organizado por Moita Lopes continuam atuais e relevantes para que pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de línguas dialoguem com áreas como, por exemplo, psicologia, filosofia, sociologia, educação, entre outras. Essa ótica é corroborada pelo site da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA, 2024) que define a LA como inter/transdisciplinar. O site da Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB, 2024), por sua vez, concebe a LA como “um campo de investigação de usos situados da linguagem nas diversas esferas do meio social”. Ambas associações se demonstram coerentes com a perspectiva de que o indivíduo e a sua produção são situados socialmente.

Contextualizar a LA no mundo atual, cada vez mais globalizado, é relevante para apresentar a Teoria da Subjetividade (TS) como uma abordagem para auxiliar na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem de línguas e, em especial, de língua estrangeira. Sob essa ótica, o objetivo deste texto é o de incentivar reflexões concernentes ao tema da subjetividade humana nos percursos da docência e da aprendizagem de línguas, com atenção especial ao reconhecimento das expressões subjetivas de professores e estudantes. Espera-se despertar o interesse de docentes, pesquisadores e

linguistas aplicados para produzirem conhecimentos que articulem pressupostos de ordem teórica condizentes com o arcabouço teórico proposto por González Rey (1997, 2004, 2005, 2005a, 2017b, 2019) na perspectiva histórico-cultural.

De modo geral, o interesse pelo processo educativo se multiplica em diversos questionamentos, parte deles em torno de falhas, problemas, dificuldades e deficiências. É possível identificar uma representação no senso comum de que o professor, a sua formação e as metodologias adotadas são responsáveis pelos sucessos e insucessos escolares, desconsiderando que o intelecto se produz não somente como processo cognitivo - mas como processo subjetivo. Neste texto, a proposição de integração do tema subjetividade às concepções e às investigações sobre docência e aprendizagem se apresenta como uma alternativa para se refletir sobre subjetividades individuais e subjetividades sociais que constituem o processo de ensino-aprendizagem de línguas. Nessa linha, o objetivo e o subjetivo, o racional e o emocional, o real e o imaginário, o sensível e o inteligível, o individual e o coletivo estão associados nos processos de ensinar e de aprender. Tendo em vista que tais processos são desenvolvidos por seres humanos, em relações constantes, a Teoria da Subjetividade (doravante, TS) é uma possibilidade para facilitar a compreensão de que o indivíduo e suas experiências são sistemas complexos e singulares constituídos de subjetividades. Em síntese, o presente trabalho tem como propósito apresentar a perspectiva da Teoria da Subjetividade e seus conceitos teóricos principais, como uma abordagem que contribui para a compreensão dos processos de docência, de aprendizagem e suas relações mútuas no espaço escolar em que ocorrem.

TEORIA DA SUBJETIVIDADE NA PERSPECTIVA CULTURAL-HISTÓRICA

A Teoria da Subjetividade (TS) é a união de concepções teóricas articuladas que “aponta para a complexidade da constituição psicológica humana nas condições da cultura e da vida social com implicação para diferentes campos das ciências sociais” (Mitjans Martinez e González Rey, 2017, p. 52). A TS é uma perspectiva que compreende a especificidade dos processos humanos nas condições da cultura, tendo os sentidos subjetivos produzidos pelas pessoas como eixo estruturante (Mitjans Martinez e González Rey, 2019). Nesse sentido, a TS não fragmenta em dicotomias o funcionamento psicológico do ser humano, entendendo o consciente e o inconsciente, o afetivo e o cognitivo, o objetivo e o subjetivo, o social e o individual como processos mútuos. A TS tem sua gênese na perspectiva inaugurada por Vigotski e colaboradores, mais especificamente na forma como esse autor percebe o contexto cultural como central na constituição do psiquismo humano, em como Vigotski entende o homem dentro do tecido social, das relações, da cultura e da história.

O ser humano está em relação constante com seu meio social e, ainda que as potencialidades humanas estejam em contínuas construção, desconstrução e reconstrução, o indivíduo e o social não são separados, um se configura no outro e, desse modo, o indivíduo e a cultura são indissociáveis.

Mitjans Martínez e González Rey (2017) esclarecem que a TS avança em relação aos clássicos da perspectiva cultural-histórica com vistas a apreender a complexidade psicológica nos indivíduos e nos espaços como cultural e socialmente constituídos.

É conveniente mencionar que a visão de González Rey se alinha à perspectiva crítica acerca da pesquisa hegemônica positivista cuja condição ignora as singularidades das subjetividades humanas, do social e da cultura na ciência (Torres e Goulart, 2020, p. 54). Esses autores alegam que a concepção gonzaleana resgata

a condição do sujeito dentro das produções subjetivas individual e social na estrutura humana que têm sido anuladas pela perspectiva estruturalista e pós-estruturalista do humano e das ciências sociais. Por outro lado, a perspectiva Gonzaleana considerou a dimensão subjetiva da ciência e o exercício da pesquisa que subjaz à matriz cultural e histórica. (tradução nossa³⁷).

O positivismo do século XIX foi necessário, de acordo com Madureira e Uchôa Branco (2005), para romper com a perspectiva de que o entendimento do mundo era centrado no divino. Para os autores, o positivismo foi uma forma de se representar o conhecimento e de garantir a ciência como uma forma privilegiada de produção de conhecimento a ser verificada empiricamente. Todavia, os autores destacam que o positivismo quase erradicou a ideia da emocionalidade na ciência por entender que qualquer afirmação sobre a realidade deveria ser constatada experimentalmente. Madureira e Uchôa Branco (2005, p.129) chamam atenção para o final do século XIX e a primeira metade do século XX, quando o estruturalismo negligenciou o papel do sujeito nas ciências humanas e defendeu que seria possível compreender a realidade complexa pela análise isolada das suas partes. Nesse prisma, as ciências humanas rejeitaram a subjetividade humana por um longo tempo e resquícios dessa rejeição permanecem em investigações sobre processos humanos. A tentativa em compreender os processos de ensino-aprendizagem com foco no cognitivo, racional e lógico é problematizado neste texto porque tal enfoque não tem respondido aos desafios educativos atuais, principalmente, em função desses processos serem constituídos de subjetividades individuais e subjetividades sociais, conforme propõe González Rey (1997, 2004, 2005, 2005a, 2017b, 2019) na Teoria da Subjetividade.

Talvez, um obstáculo a estudos sobre a docência e a aprendizagem de línguas seja o de compreender a complexidade dos sentidos subjetivos construídos por professores e estudantes em interação mútua e simultânea ao longo do processo. Nesse caso, a proposta gonzaleana demanda reflexões intrinsecamente relacionadas às construções sociais e individuais das experiências de ensinar e de aprender, visando caminhos alternativos de entendimento acerca das relações no ambiente

³⁷ Texto original em inglês: the condition of the subject within the individual and social subjective productions of the human framework, which had been nullified by the structuralist and post-structuralist perspective of the human and social sciences. On the other hand, it considered the subjective dimension of science and the exercise of research to lie within a cultural and historical matrix.

escolar. Um exemplo de aplicação prática da TS é a abertura de espaço para acolhimento de docentes e estudantes com a *práxis* de observação e escuta atentas, reconhecimento e validação das subjetividades individuais e sociais construídas no ambiente escolar. Na sequência desse tipo de ação, é necessário promover debate reflexivo acerca dos sentidos subjetivos expressos a respeito dos processos de ensino-aprendizagem de modo a encontrar caminhos de auxílio, apoio e suporte às emocionalidades implicadas em tais processos. Desse modo, o aporte teórico de González Rey pode oferecer subsídios a fim de alcançar inteligibilidade sobre questões da docência e da aprendizagem às quais linguistas aplicados têm se debruçado. Por isso, a visão teórica de González Rey é um convite ao diálogo e a reflexões teórico-aplicadas sobre o tema subjetividade na produção científica inter/transdisciplinar da Linguística Aplicada, principalmente sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Nesse âmbito e com a finalidade de encontrar pesquisas e estudos realizados sobre ensino-aprendizagem de línguas sob a visão da Teoria da Subjetividade gonzaleana, foi realizado um mapeamento nas plataformas Google Acadêmico e Portal da Capes no ano de 2024. Os resultados indicaram dissertações e teses cujos títulos, subtítulos e resumos continham a palavra subjetividade, porém, com sentido amplo e genérico ou, por vezes, utilizada como expressão guarda-chuva para fazer referência a conceitos não abordados pela Teoria da Subjetividade (ex: motivação, identidade). Nenhum dos trabalhos acadêmicos encontrados indicou ter desenvolvido investigação sobre subjetividade individual e subjetividade social no ensino-aprendizagem de línguas. Isto é, os trabalhos encontrados não abordaram a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey que, por seu lado, abrange fenômenos humanos complexos emergidos de tramas culturais e sociais, estudados a partir das produções subjetivas do indivíduo (González Rey, 2005 e 2005a). Mesmo que o referido mapeamento tenha sido realizado em apenas duas plataformas, o resultado pode ser um indicativo de que a Teoria da Subjetividade tem sido pouco explorada com vistas à melhor compreensão do ensino-aprendizagem de línguas.

Sob a ótica gonzaleana, a TS se revela na organização individual da pessoa (subjetividade individual) e na organização de diferentes espaços sociais (subjetividade social). Um aspecto relevante da TS é o de que ela funciona de forma articulada com a Epistemologia Qualitativa e com a Metodologia Construtivo-interpretativa, formando uma tríade. Nesse âmbito, o autor buscou avançar teoricamente na construção de exigências metodológicas necessárias à investigação do tema subjetividade e em estreita relação com o posicionamento epistemológico desenhado para cada estudo (González Rey e Mitjans Martínez, 2016, 2017a, 2017b e 2017c). Segundo esses autores, o sistema complexo de expressão do psicológico no ser humano apresenta desafios metodológicos ao estudo da subjetividade e demanda uma representação epistemológica e metodológica correspondente. Nesse contexto, o objeto da Epistemologia Qualitativa envolve fenômenos humanos

relacionais cujas questões são de ordem qualitativa, complexa, recursiva, dinâmica e processual. Tanto a Epistemologia Qualitativa quanto a Metodologia Construtivo-interpretativa são assuntos a serem abordados em um futuro texto sob a justificativa de fugirem ao escopo deste texto. Neste caso, a TS possui conceitos teóricos centrais tais como (a) sentidos subjetivos, (b) configurações subjetivas, (c) sujeito, (d) subjetividade individual, (e) subjetividade social. Tais conceitos “não remetem às noções de assimilação da realidade externa em que emergem e não se definem como categorias *à priori*, porém, são construídos pelo pesquisador no contexto da pesquisa” (Alcântara e Oliveira, 2020, p. 5). Antes de explanar os conceitos centrais da TS, a categoria subjetividade será desenvolvida um pouco mais no próximo item.

Subjetividade

A subjetividade se refere à faculdade humana “de as emoções adquirirem um caráter simbólico” (Mitjans Martínez e González Rey, 2019, p. 15), permitindo a geração de novas unidades de sentidos individuais e sociais que, por sua vez, constituem uma diferente definição ontológica dos fenômenos humanos. Essas unidades se expressam nos conceitos de sentido subjetivo e configuração subjetiva. Os autores reiteram que a subjetividade não é somente um fenômeno individual, mas um sistema onde a subjetividade individual e a subjetividade social são recíprocas. Ademais, a subjetividade é uma produção que acompanha a cultura, embora não seja sua réplica, nem uma reprodução do que é externo (González Rey, 2005a; Mitjans Martínez e González Rey, 2017, 2019).

De acordo com a Teoria da Subjetividade, subjetividade é uma característica qualitativa de todo o desenvolvimento humano, é intrínseca ao processo individual, social e cultural de cada indivíduo, se delinea a partir de configurações subjetivas associadas a momentos específicos da experiência da pessoa. Mitjans Martínez (2005a, p. 20), explica que a subjetividade é

tanto social quanto individual constituindo-se mutuamente. Não é possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos que a constituem; do mesmo modo, não é possível compreender a constituição da subjetividade individual sem considerar a subjetividade dos espaços sociais que contribuem para sua produção.

Nesse sentido, subjetividade é a “expressão ontológica de um fenômeno especificamente humano, social, individual, nas condições da cultura, que se desprende do psiquismo” (González Rey, 2017b, p. 207). Souza e Torres (2019, p. 37) elucidam que a categoria subjetividade

1) tem um caráter processual, singular, e gerador da psique humana; 2) inclui a consideração dos processos simbólico-emocionais nas produções psicológicas emergentes no curso das ações do sujeito; 3) abarca as dimensões individual e social entrelaçadas como unidade no curso das experiências da pessoa; 4) dá destaque ao sujeito, enquanto posicionamento subjetivo fundamental na qualidade de suas experiências.

Assim, a subjetividade se caracteriza por sua complexidade sistêmica que está em contínuo desenvolvimento e articulação com as condições de sua produção pelo indivíduo, sem coadunar com

determinismos socioculturais e biológicos tipificados pela história do pensamento psicológico (Souza e Torres, 2019). Essa abordagem entende que o professor e os estudantes estão, a todo tempo, (re)organizando suas experiências subjetivamente a partir do sentir, onde passado, presente e futuro se entrelaçam enquanto vivem singularmente o ensinar e o aprender. A percepção do processo de ensino-aprendizagem de línguas como um sistema extraordinário, composto de diversos sistemas com inter-relações múltiplas entre as partes e o todo, requer referenciais teóricos que reconheçam o individual e o social como complexos, indivisíveis, plurais, contraditórios, singulares, recursivos, desordenados e históricos. Assim, não é mais possível lidar com tal processo como se ele fosse unicamente operacional e racional até porque esta visão é mutiladora da integridade de cada indivíduo que vivencia o ensino-aprendizagem de línguas na escola.

Um aspecto valioso à perspectiva gonzaleana é a emocionalidade dentro das relações e experiências de vida humanas. Nessa ótica, estudos sobre processos escolares que desconsiderem a subjetividade podem fragmentar o entendimento acerca das partes e do todo, uma vez que cada indivíduo é constituído subjetivamente. Desta feita, o conhecimento sobre o indivíduo (ex: professor, aluno) não pode prescindir do olhar atento sobre as tramas que o envolve, sobre as formas como ele se expressa e se articula com o mundo a sua volta, sobre a complexidade de sua configuração individual. Desse modo, a concepção sobre um indivíduo passa pelo que nele há de contraditório e por sua história de vida. Ou seja, compreender o indivíduo que ensina e aprende significa considerar sua interação com os outros e com o mundo que o cerca. Por isso, o acolhimento mútuo com escuta ativa e ética são ações salutares a todos que vivenciam a sala de aula, a escola e a educação.

Entender que a realidade escolar é constituída de subjetividades não significa adotar o subjetivismo ou negar o que é objetivo. Significa entender que não existe relação humana des-subjetivada e que cada escola tem seu clima institucional traduzido em sentidos subjetivos que, por sua vez, são produzidos por pessoas em relações mútuas. O espaço social da escola é parte de sistemas complexos, com formas institucionalizadas (normatizações, por exemplo), dos quais emergem dinâmicas relacionais intrincadas. Por isso, não é possível conceber as experiências de cada indivíduo sem atentar-se aos sistemas subjetivos que constitui ele e os espaços subjetivados que vivencia. A Teoria da Subjetividade aplicada ao processo de ensino-aprendizagem de línguas concebe o docente e os estudantes nas tramas de suas vidas que, por seu turno, as vivencia através dos sentidos subjetivos que produzem nos seus diversos percursos. Sob essa ótica, relações que desconsiderem ou desvalorizem expressões de emocionalidade de professores e estudantes contribuem para um ambiente escolar desumanizante. Isto posto, o próximo item aborda o conceito teórico denominado por sentidos subjetivos.

Sentidos Subjetivos

Os sentidos subjetivos são caracterizados pelo “fluxo de emoções com múltiplas expressões simbólicas” que integram a dimensão simbólica e a produção emocional dos seres humanos, reverberando no modo como vivem e sentem a vida (González Rey e Mitjás Martínez, 2017c, p. 51). Nessa lógica, as experiências passadas e presentes nas variadas circunstâncias sociais são integradas pelo indivíduo em uma rede ou sistema subjetivo, bem como nutrem suas ações e decisões atuais. Os autores informam que os sentidos subjetivos estão além de representações conscientes da pessoa, nem sempre são apreensíveis de modo direto e transformados em palavras. Segundo González Rey e Mitjás Martínez (2017c, p. 51), os sentidos subjetivos “nos permitem levantar conjecturas sobre a multiplicidade de processos que se configuram subjetivamente nos estados dominantes que caracterizam uma experiência vivida”.

Para essa perspectiva, os sentidos subjetivos são compreendidos como unidades simbólico-emocionais que criam redes subjetivas, maleáveis e em fluxo contínuo, mas não se revelam de modo linear com “fatos concretos da vida social e individual da pessoa” (Souza e Torres, 2019, p. 40). A categoria teórica denominada por sentidos subjetivos se configura em uma rede subjetiva fundamental para se entender o funcionamento da subjetividade. É nessa rede dinâmica e plástica que configurações subjetivas se organizam na ação do indivíduo e, por conseguinte, na ação do professor e dos estudantes de línguas.

Conforme Souza e Torres (2019, p. 40), os sentidos subjetivos “representam o qualificador subjetivo dos fatos concretos por nós vividos” e expressam “o caráter subjetivo de tais vivências em configurações subjetivas que se organizam no curso daquelas experiências”. Ou seja, os sentidos subjetivos são “uma expressão ontológica da psique humana destacando-se seu caráter gerador”, porém, não são respostas lineares diante do vivido. Em síntese, sentido subjetivo é a unidade básica da subjetividade cuja constituição se dá pela unidade entre o simbólico e o emocional. De modo geral, os sentidos subjetivos são informações expressas espontaneamente (implícita e explicitamente) por pessoas no curso de processos dialógicos e conversacionais onde as relações se estabelecem a partir de vínculos de confiança. A construção de vínculos de confiança entre pessoas no ambiente escolar (professores, estudantes, gestores etc) é fundamental para que expressões subjetivas emergam sem julgamentos. É valioso que os interessados na compreensão de configurações subjetivas do ensino e da aprendizagem de línguas (ex: gestores escolares, professores, estudiosos do tema e pesquisadores) construam espaços de confiança que possibilitem expressões subjetivas de docentes e estudantes. A título de exemplo, instrumentos de pesquisa para investigação do tema podem ser individuais ou grupais, escritos e não escritos, verbais e não verbais, objetos concretos e abstratos de valor emocional para os participantes de um estudo (Gonzalez Rey e Mitjás Martínez, 2016, 2017, 2017a e 2017b). Além disso, é indispensável a adoção de preceitos éticos no estudo desse tema, nas relações, na organização e divulgação das informações de modo a preservar os direitos éticos do

docente e do estudante à privacidade, à confidencialidade, ao sigilo, ao anonimato, conforme estabelecem as Resoluções CNS 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012) e CNS 510, de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016), ambas do Conselho Nacional de Saúde.

Em resumo, os sentidos subjetivos são produzidos pela experiência humana de maneira processual, dinâmica, sistêmica e complexa, se sobrepondo e se desdobrando em outros sentidos subjetivos e, por sua vez, assumindo formas diversas. Desse modo, os sentidos subjetivos podem ser entendidos como núcleos (ou sistemas) dinâmicos provenientes de diferentes situações da experiência individual e social humana que, então, geram configurações subjetivas de cada indivíduo como se fossem um microcosmo da vida humana. Nessa ótica, os indivíduos participantes do processo de ensino-aprendizagem de línguas produzem sentidos subjetivos cujas expressões precisam ser consideradas para se alcançar alguma compreensão sobre as configurações subjetivas do referido processo e, assim, possibilitar a criação de alternativas para lidar com as dificuldades e desafios que nele se apresentam. Tendo em vista que múltiplos sentidos subjetivos geram configurações subjetivas, este conceito teórico é tratado na sequência.

Configurações subjetivas

As configurações subjetivas estão na movimentação da complexa combinação de processos psicológicos que surgem durante a ação do sujeito, dentro de uma experiência em curso. Para González Rey e Mitjans Martínez (2017c, p. 63), sistemas de sentidos subjetivos geram configurações subjetivas e estas últimas funcionam como núcleos dinâmicos que são alimentados por variados sentidos subjetivos. A constituição das configurações subjetivas de cada indivíduo se desenvolve ao longo de sua vida, de sua historicidade e se revela através de estados subjetivos relativamente estáveis que, por seu turno, direcionam o seu modo de ser e de agir.

De acordo com Mitjans Martínez e González Rey (2017, p. 56), as configurações subjetivas são “organizações dinâmicas de sentidos subjetivos que têm adquirido uma relativa estabilidade no percurso da história de vida do indivíduo” e ocupam lugar relevante na organização da subjetividade individual. Em outras palavras, tais configurações são um “fluxo menos mutável de sentidos subjetivos congruentes entre si que, uma vez configurados, culminam em fontes geradoras de novos sentidos subjetivos, mais congruentes entre si frente à experiência” (Alcântara e Oliveira, 2020, p. 5).

Nessa acepção, professores e estudantes produzem sistemas de sentidos subjetivos durante as experiências de ensinar e de aprender que, por seu turno, originam configurações subjetivas múltiplas nos trajetos de ensino-aprendizagem. Tais configurações podem ter suas organizações compreendidas se forem observadas, consideradas pela escola, pelos envolvidos e se forem investigadas e estudadas como sistemas que integram o processo como um todo. Nesse contexto, o conceito de sujeito é fundamental para TS e é abordado a seguir.

Sujeito

Segundo o aporte teórico gonzaleano, o conceito de sujeito se faz necessário para compreender a subjetividade e a ação humana como processos subjetivos. Mitjans Martínez e González Rey (2017, p. 57) explicam que sujeito é o indivíduo apto a produzir novos percursos de subjetivação no espaço normativo do qual participa, em momentos historicamente situados. Os autores se referem ao indivíduo (ou grupo) que assume postura ativa (nem sempre consciente), que se posiciona perante contextos de vida (individuais, sociais), se contrapõe, toma decisões, assume compromissos, delinea seus espaços pessoais dentro de suas atividades sociais, gera novos sentidos subjetivos, produz intelectualmente e cria trilhas no curso da sua historicidade (González Rey e Mitjans Martínez, 2016, 2017a, 2017b).

A definição de sujeito não é isolada, mas integrada aos demais conceitos centrais da Teoria da Subjetividade que, por sua parte, é um sistema dinâmico, recursivo e aberto. Souza e Torres (2019, p. 49) entendem que o sujeito “é uma qualidade subjetivada do indivíduo, portanto, emergente dos encontros múltiplos e contraditórios dos sentidos subjetivos organizados nas configurações subjetivas do sujeito no curso da ação”. Esses autores esclarecem que tais configurações subjetivas correspondem à convergência do individual e do social na “subjetivação das necessidades do indivíduo em cada uma das esferas da vida” (p. 49). Para os autores, o processo de subjetivação acontece quando um volume simbólico-emocional tonaliza a relação do indivíduo “em seus diferentes espaços e momentos concretos de ação” (p. 49). Em suma, o sujeito vem à tona na ação e pode alterar configurações subjetivas individuais, repercutir em configurações subjetivas sociais, descortinando caminhos alternativos àqueles dominantes.

Todavia, a emergência do sujeito pode se dar de maneira trabalhosa, conflituosa e incômoda porque é um processo de desenvolvimento humano que mobiliza o indivíduo a sair do que é conhecido e a lidar com seus estados afetivos no cenário da vida. De acordo com González Rey (2017b e 2017c), o indivíduo não nasce sujeito porque essa condição está em constante desenvolvimento nas relações e ações que conduzem processos de subjetivação. Sob essa visão, não há ilusão de que existe um estado ideal de humano. Desta feita, o entendimento é de que conflitos, divergências e contradições são inerentes ao ser humano e fazem parte da subjetividade. Nesse cenário, Souza e Torres (2019, p. 46) iteram que “a condição de sujeito é fulcral para a geração de rotas alternativas aos enfrentamentos da vida, geração essa, mobilizada e movimentada por uma cadeia de sentidos subjetivos do sujeito, organizada mediante configurações subjetivas no percurso de sua história social”. Assim, reitera-se que as categorias conceituais desenvolvidas por González Rey não podem ser compreendidas de modo isolado, mas de modo complementar. Em seguida, as conceituações a respeito da subjetividade social e subjetividade individual são tratadas.

Subjetividade Social e Subjetividade Individual

A Teoria da Subjetividade considera a unidade entre o social e o individual no curso de produções subjetivas, a relação entre indivíduo e sociedade como geradores de configurações subjetivas. Dessa maneira, a subjetividade social não é externa ao indivíduo e nem é a somatória das subjetividades individuais dos seres humanos que fazem parte de determinado espaço social. Aliás, a subjetividade social consiste de múltiplas relações entre pessoas e de produções subjetivas que surgem no espaço social, além de produções subjetivas de outros espaços sociais e de “produções subjetivas sociais que se configuram por vias diversas em cada um dos espaços de subjetividade social no funcionamento de uma sociedade” (Mitjans Martínez, 2005a, p. 15). De outro modo, a subjetividade social se desenvolve por meio dos sistemas relacionais e das produções individuais e sociais.

González Rey e Mitjans Martínez (2017a e 2017b) esclarecem que a subjetividade individual e a subjetividade social são níveis da subjetividade, configurados de maneira recíproca em todos os espaços da vida. Nessa ótica, a subjetividade individual e a subjetividade social são recursivas, mas o ser humano não é vítima da subjetividade social - uma vez que o indivíduo está nela e também a constrói. Desta feita, o ser humano é inseparável da subjetividade social, contudo, não se dilui nela (Mitjans Martínez, 2005a; González Rey, 2017b; Mitjans Martínez e González Rey, 2017, 2019).

A subjetividade social é encontrada em espaços, momentos sociais e historicamente marcados como, por exemplo, em um grupo social cujas pessoas têm determinadas relações, atitudes, valores e crenças. Segundo Gonzalez Rey (2005 e 2005a), as subjetividades individual e social são constituídas nas relações entre os homens e seus contextos sociais, como uma criação histórico, cultural e socialmente compartilhada. Isso inclui aspectos que nos diferenciam, podendo ser vivenciados de modo singular e, assim, configurando a subjetividade individual. Percebe-se, assim, que González Rey buscou se distanciar da concepção clássica de que a subjetividade é individual e foi além ao propor que a subjetividade é histórico-social. Daí a necessidade de se compreender que há interdependência entre subjetividade individual e subjetividade social no processo humano de ensino-aprendizagem de línguas.

Ressalta-se que conceito de sujeito, abordado anteriormente, é fundamental para se compreender a subjetividade individual, isto porque o sujeito organiza suas experiências subjetivas ao longo de sua história nos espaços sociais dos quais participa. Então, a subjetividade individual está relacionada ao modo singular segundo o qual cada pessoa organiza subjetivamente sua história única, constituída nas suas relações pessoais e sociais (ex: escola, família, trabalho, lazer) dentro de determinada cultura e espaço social. É aí que cada indivíduo constrói sentidos subjetivos e, por conseguinte, configurações subjetivas próprias que surgem no processo de subjetivação da sua experiência (Souza e Torres, 2019). À luz da Teoria da Subjetividade e seus principais conceitos

teóricos, a expectativa é de que a TS seja aplicada a reflexões e estudos a respeito do ensino-aprendizagem de línguas com vistas a melhor compreensão das produções subjetivas de professores e de alunos, de processos de docência e de aprendizagem, da escola, entre outros. Para tal é imprescindível que a escola promova construção de espaços de confiança, relações de vínculo e de respeito aos direitos e deveres éticos de cada professor e estudante que expressem subjetividades (individuais e sociais) relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto explanou a subjetividade humana, proposta por González Rey, como uma alternativa para alcançar entendimentos acerca de questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Uma premissa para tal sugestão se refere ao fato de que o processo de docência e de aprendizagem é desenvolvido por seres humanos subjetivados e situados culturalmente, socialmente, historicamente. Além disso, não é possível ignorar que o processo de ensino-aprendizagem de línguas consiste de interações sucessivas entre indivíduos e espaços sociais constituídos de subjetividades. A indissociabilidade entre o individual e o social indica a complexidade de produções subjetivas na sala de aula, no espaço escolar e nos processos educativos. Desse modo, a TS é proposta neste texto como uma perspectiva que nos permite considerar que os docentes e os estudantes produzem redes de sentidos subjetivos que, inclusive, influenciam as ações de cada um (consciente e inconscientemente).

Tendo em vista que o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras são processos subjetivos, além de cognitivos e operacionais, pressupostos teóricos e metodológicos consistentes que considerem as produções subjetivas dos indivíduos participantes desses processos é fundamental com vistas a reflexões, estudos e investigações sobre a temática. O arcabouço teórico proposto por González Rey foi desenvolvido para que o tema subjetividade humana seja investigado e melhor compreendido em diversas áreas acadêmicas, podendo a Linguística Aplicada inter/transdisciplinar se tornar uma delas. Assim sendo, é valioso reiterar que o aparelhamento teórico gonzaleano envolve a Teoria da Subjetividade já abordada neste texto, bem como a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, formando uma tríade e funcionando de modo complementar. Desta feita, a proposição deste texto indica como possibilidades futuras (1) a integração do tema subjetividade a pesquisas sobre docência e aprendizagem de línguas estrangeiras na LA, (2) a construção de espaços de vínculo e de confiança para que cada indivíduo se sinta acolhido e confortável para expressar suas subjetividades no ambiente escolar, (3) respeito aos direitos éticos daqueles que expressam construções subjetivas individuais e sociais dentro da escola, (4) fomento a debates reflexivos acerca do processo de ensino-aprendizagem que, por seu lado, não fragmentem o caráter objetivo e subjetivo, racional e emocional, individual e coletivo desse processo, (5)

desenvolvimento de estudos sobre configurações subjetivas da docência e da aprendizagem de línguas estrangeiras a fim de atingir entendimentos acerca do tema e facilitar processos educacionais significativamente humanizados.

Este texto, portanto, considera que os processos educacionais, escolares, de ensino e aprendizagem de línguas são subjetivados de modo singular por cada pessoa que deles participa. Assim, a proposta é a de não fragmentação do funcionamento do ser humano, mas de compreendê-lo como processos mútuos. Uma vez que os processos de ensino-aprendizagem de línguas são desenvolvidos por seres humanos, deveria ser impossível deixar de considerar que o indivíduo produz sentidos subjetivos nas relações e que o espaço escolar é constituído de sentidos subjetivos situados social, cultural e historicamente. Desta feita, a escola possui subjetividades sociais e seus participantes produzem subjetividades individuais, ambas em relações contínuas, dinâmicas, complexas e sistêmicas. Nesse sentido, reflexões, discussões, estudos acadêmicos que integrem subjetividades do ensino e da aprendizagem de línguas podem lançar luz a níveis cada vez mais profundos de inteligibilidade suas inter-relações. Isto posto, foi sugerido que a docência e a aprendizagem, o espaço escolar e as relações humanas que nele ocorrem são sistemas subjetivos que, por seu turno, necessitam de acolhimento, escuta ativa, reconhecimento, consideração e reflexão por parte daqueles que intencionam compreender os processos que os envolvem.

REFERÊNCIAS

AILA. **What is AILA**. Disponível em: <https://aila.info/>. Acesso em 10 agosto de 2024.

ALAB. **História**. Disponível em: <https://alab.org.br/historia>. Acesso em 10 agosto de 2024.

ALCÂNTARA, R., OLIVEIRA, A. M. C. **Aportes da epistemologia qualitativa e da metodologia construtivo-interpretativa de González Rey à pesquisa educacional: um estudo de caso**. Instituto de Investigación en Educación, Universidad de Costa Rica Actualidades Investigativas en Educación, vol. 20, nº 2, 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Distrito Federal, Brasília.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Assegura direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Distrito Federal, Brasília.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Advances in subjectivity from a cultural-historical perspective: Unfoldings and consequences for cultural studies today**. In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; VERESOV, Nikolai (Eds.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy*. Singapore: Springer, 2017a. P. 230-267.

_____. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. (org) **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, SP: Thomson, 2005a. P. 215-240.

_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação.** Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2017b.

_____. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2019.

_____. **The relevance of concept of subjective configuration in discussing human development.** In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; VERESOV, Nikolai (Eds.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy.* Singapore: Springer, 2017c. P. 301-343.

GONZÁLEZ REY, F.; GOULART, D. M.; BEZERRA, M. S. **Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia.** Revista Educação (PUCRS. Online), v. 39, n.º. esp. (supl.), 2016. P. 54-65.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico.** Pcedh: Papeles de trabajo sobre cultura, educación y desarrollo, Girona, v. 13, n.º. 2, p. 3-18, 2017a.

_____. **Epistemological and methodological issues related to the new challenges of a cultural-historical based psychology.** In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; VERESOV, Nikolai (Eds.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy.* Singapore: Springer, 2017b. P. 268-300.

_____. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e método.** Campinas (SP): Editora Alínea, 2017c.

_____. **Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas.** Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad, Valparaíso, Chile, v. 15, n.º. 1, 2016. P. 5-16.

GOULART, D. M.; MARTINEZ, A. M.; ESTEBAN-GUITART, M. **The trajectory and work of Fernando González Rey: paths to his Theory of Subjectivity** (Trayectoria y obra de Fernando González Rey: caminos hacia su Teoría de la Subjetividad). Estudios de Psicología, v. 41, P. 9-30, 2020.

MADUREIRA A. F. do Amaral; UCHÔA BRANCO, A. **A noção de sujeito na ciência psicológica: linguagem e constituição da subjetividade em discussão.** In: GONZÁLEZ REY, F. (org) *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia.* São Paulo, SP: Thomson, 2005. P. 127-154.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade.** In: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. *Formação de Educadores e Psicólogos: Contribuições e Desafios da Subjetividade na Perspectiva Cultural-Histórica.* Appris Editora, 2019. P. 13-46.

_____. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M.C.V.R; PUENTES, R.V. **Teoria da Subjetividade como Perspectiva Crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2022.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia.** In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a. P. 1-25.

MOITA LOPES, L. P. **Introdução.** In: FABRÍCIO, B. F; PENNYCOOK, A.; MOITA LOPES, L. P. (Org.) *et al.* *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 12-42.

SCHMITZ, J. R. MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n.º. 1, 2008.

SOUZA, E. C. de.; TORRES, J. F. P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, [S. l.], v. 3, n.º. 1, p. 34-57, 2019. DOI: 10.14393/OBv3n1.a2019-50574. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/50574>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

TORRES, J. F.P.; GOULART, D. M. **Qualitative Epistemology and constructive-interpretative methodology: a proposal for the study of subjectivity** (La Epistemología Cualitativa y la metodología constructivo-interpretativa: una propuesta para el estudio de la subjetividad), *Studies in Psychology*: 2020, 41:1, 53-73, DOI: 10.1080/02109395.2019.1710809